

Correio de Nisa

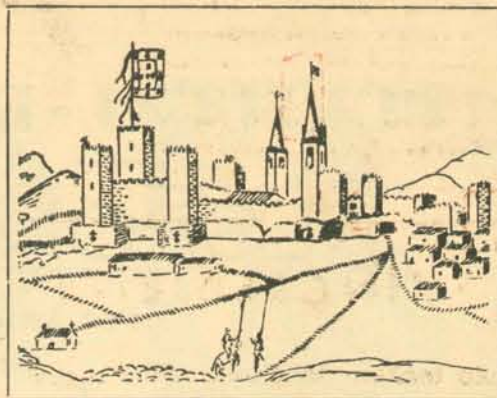
Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANÓNIO CARMONA RIBEIRO
PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



“INCREDIBILE DICTU”

O homem vive de esperanças. E aí daquele que não tem fundas raízes nas tradições do passado, para, com esperança, demandar o futuro.

Mas, entretanto, quantas esperanças perdidas, quantos sonhos dourados que a adusta realidade apaga, implacavelmente, transformando luz radiosa em trevas sinistras!

Há dias, chegou até nós uma notícia aterradora, para quem tem, pelo menos, leve noção do que seja o respeito, o acatamento, a simples consideração moral, pelas relíquias do passado, dos tempos que também são nossos, porque elas constituem herança sagrada que recebemos dos maiores, para a entregarmos aos de amanhã.

E essa notícia, pelo que lhe analizámos nos contornos, tomou logo aspectos que definimos como muito graves. Contudo, sempre tivemos a esperança de que se trataria de providência simplória, própria de operários que não conhecem métodos científicos de transformar ideias em factos.

Mas não. Infelizmente, a notícia foi-nos dada com todo o rigor histórico, com todos os pormenores indispensáveis à catalogação do fútil e do abominável. Era uma esperança delida pela realidade cruel!

Fomos ver.

Transposto o “meridiano de Tordesilhas”, penetrámos no velhíssimo burgo. Iamos em busca do pus, da água podre, do velho “poço do sítio”. Para trás, ficava o hemisfério intelectual, o sábio, o das grandes ideias hemoestáticas, enquanto nós demandávamos o fruto cruel de façanhas hemoestáticas.

Mas, eis o que se passa:

O velho reservatório da Rua do Fundo, parte integrante das priscas fortificações que o Rei Lavrador e Poeta aqui mandou edificar,

para defesa de seus súbditos e honra da Nação foi inútilmente entulhado.

E o desacato não ficou por ali: foram-se ao sólido rebordo pétreo, ao largo paramento que o circundava, vasto e sólido como eirado de fortaleza, e tudo arrazaram, numa sanha econoclasta, digna de largo estudo de patologia social.

Deixaram apenas, inconscientemente, como involuntárias e merencórias testemunhas do desacato, algumas pedras talhadas, que ainda poderão ser amanhã, elementos providenciais para uma reconstituição que se impõe imediata.

Era aquele o único local, dentro da quadra muralhada, que ainda existia intacto, e dava a quem o visse, uma nota simpática das velhas idades, com as suas pedras brunidas pelo tempo, ingenuamente adornado com uma ingénua vegetação espontânea, onde por vezes surgia a graça, o sorriso natural duma florinha silvestre.

E tudo destruíram; e tudo arrazaram! Isto é muito triste e muito lamentável.

Os crimes praticados de há séculos no nosso património artístico, que culminaram com o vampirismo de Junot, o maior bandido que nos transpôs as fronteiras, com a legislação do “Mata-Frades”, com a senil mania da persiguição religiosa, têm sido amoravelmente reparados pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

E não há aí castelo roqueiro, templo venerável, cintos fortes de muralhas espessas, adoráveis igrejinhas românicas, rosáceas caprichosas com a espiritualidade delicada das rendas e das brancas espumas do mar; longos adarves, robustas quadrelas e bastiões, onde o viático das obras de reintegração e restauro já tenha chegado, em que se

Continua na página 4

Em Redor do Heroísmo

1

Somos heróis, menos porque o queiramos ser, do que principalmente por uma fatalidade inelutável. Nascermos com invencível vocação para o heroísmo, como se nasce de olhos azuis. Outrossim, nascemos covardes como se pode nascer com pé chato. Nem o heroísmo se aprende, nem a covardia se perde. Ninguém foge ao seu temperamento, ao seu perfeito ou imperfeito sistema hormonal. Heroísmo raciocinado já não é o que lhe chamamos.

2

É fácil dizer que devemos aspirar a uma carreira heroica, como é fácil insinuar que não nós fica bem uma carreira de vencido. A verdade, porém, é que cada qual tem as vitórias e as derrotas que lhe giram no sistema endocrínico.

3

Não adianta nada dizer: prefiro ser tímido a herói, ou herói a tímido. Não somos o que queremos, mas o que podemos ser.

Nem a timidez se transmuda em heroísmo, nem o heroísmo se des-categoriza em timidez.

4

A muita consciencialização do que se faz é geralmente inimiga do heroísmo militar ou, de um modo geral, do heroísmo da força. Maturação de espírito e heroísmo de trabuco geralmente não cabem no mesmo saco.

5

Os débeis, mais débeis se tornam, se a derrota os persegue. Os heróis, mais heróis se fazem ainda, se a derrota lhes tocou pela porta. Os heróis podem ser derrotados exteriormente. Nunca, porém, se consideram vencidos. E por isso mesmo é que são heróis.

6

Os heróis não surgem em clima de moleza, no mundo das comodidades, das fáceis vitórias. Para nascerem, crescerem e aparecerem, precisam de uma existência áspera. O grande catalisador do heroísmo é, com efeito, a dificuldade a vencer, o obstáculo a transpôr, a montanha a subir.

7

Há heróis civis, como há heróis militares — e valem, porventura, mais aqueles do que estes. Os heróis militares são intermitentemente heróis. Os heróis civis têm que sê-lo diariamente, ainda que de ma-

neira discreta, sem exhibições espetaculares. Cumprir os pequenos deveres todos os dias, a todas as horas, exige coragem permanente. Cumprir um grande dever, cumprir-lo uma vez na vida, num rom-pante, pede menos energia, ou pede apenas fogachos de entusiasmo que um sopro acende e outro sopro apaga. Habitámo-nos a grandes loas para os heróis da espada à cinta. A verdade, porém, é que os heróis da filarmónica do chapéu mole merecem tanta exaltação (senão mais) que os heróis da escopeta ao ombro.

8

Não se diga que santos e heróis não pertencem à mesma raça. Os santos são heróis — mas não da espécie dos que matam. Não derramam sangue — poupam sangue. Se é preciso coragem para matar, não é menos para ajudar a viver. De um modo geral, bem podemos dizer que mais valem os heróis da vida do que os da morte. Depois de aniquilar uma vida, cessa a tarefa heroica. Manter vidas é incompatível com colapsos no heroísmo. O santo — no alto sentido desta palavra — tem que ser herói ininterruptamente. O herói do trabuco pode sê-lo esporadicamente.

Há um heroísmo que se traduz no perdão, e outro que se realiza na vingança. Mais fácil este do que aquele. Perdoar uma ofensa é, efectivamente, mais heroico do que lavar em sangue ou afogar em injúrias essa mesma ofensa. Pagar o mal com o bem é heroísmo moral de alta estirpe. Pagar o mal com outro tanto mal — dente por dente, olho por olho — é humano, mas não super-humano.

Ser brutal é de homem. Não o ser — ter a coragem de o não ser — é de super-homem.

9

Heróis não são apenas os que triunfam pela força, de outras forças. São-no também — e não menores — porventura superiores até — os que triunfam pelo pensamento, implantando novas concepções, tendo a coragem de ser heterodoxos onde certa ortodoxia se tem por intangível e perene. Os heróis do pensamento valem mais, porventura, que os heróis da acção, porque sem o triunfo de certas ideias progressivas, não há acção prospectiva.

10

Sobe um sujeito num cavalo, alça uma espada, corre sobre uma multidão indefesa, distribui espadadeiras a torto e a direito — tem louvor, é herói na folha oficial.

Outro indivíduo susta um cavalo em carreira desapoderada sobre a multidão, não mata, poupa vidas, pondo, porventura, a sua própria vida em risco. Além, por usar farda militar, e por ter aniquilado vidas, é herói, já o dissemos, e que o não disséssemos, a folha oficial se encarregaria de o apregoar. Aqui, por vestir à paisana, e por ter poupado vidas, não praticou acto com ressonância na folha oficial. Donde há quem conclua “qu’il y a de l’héroisme à faire tuer son semblable et qu’il n’y en a pas à le sauver”.

11

Há heróis que o são na guerra e que o não são no tempo de paz. Ou que o são metidos numa farda militar, e que logo murcham, se vestidos em trajes de civil. Quer isto dizer que se a ocasião faz o ladrão, também faz o herói. E quer dizer, outrossim, que o hábito também é capaz de fazer o monge. No caso presente, o herói.

CRUZ MALPIQUE

NISA ANTIGA

O último Espectáculo no Velho Teatro

No ano de 1901, alguns rapazes de Nisa, entusiastas da música e tocadores de instrumentos de corda, organizaram um grupo musical, a que deram o nome de “Troupe” dos Bandolinistas de Nisa’.

Eram ensaiados pelo mestre de música da Banda local, Gabriel Maria Batalha, natural de Portalegre.

Depois de bastantes ensaios, durante o dito ano, prepararam-se para dar um concerto no velho e arruinado teatro, que já há muito tempo estava inteiramente entregue ao domínio dos ratos.

Os organizadores do Grupo e alguns amigos dispuseram-se a arrumar a casa de espectáculos, para a pôr em condições de servir.

Fizeram-se vários arranjos, tanto na sala como no palco.

No lustre, que era de vidrilhos, muito vistoso, foram retiradas as candeias para azeite (que costumavam pingar sobre os espectadores da plateia) e substituídas por bo-beches de folha, para velas.

O pano de boca, já esfarrapado, com grandes nódoas da água da chuva que entrava pelo telhado, foi devidamente corrigido.

Em fins do mesmo ano, tanto a

Continua na página 4

PORTUGAL-BRASIL — RESPONSO

Por António Sardinha

Teu coração dentro do meu o escudo
e ao seu bater ancioso me abandono!
Resta-me ainda esse doirado fruto,
—a mim que vivo como um rei sem trono!

A' nossa volta é de tristeza e luto
o céu parado,—o amplo céu de outono...
Teu coração que bata resoluto,
que espalhe a vida e que a fugente o sono!

Vamos sonhar, ó meu amor friorento,
longe da queixa trágica do vento,
com um país eternamente azul!

As ondas cantam um rimance antigo...
E a ver dum porto a que aproar contigo,
pregunto às ondas onde fica Thule!

Coração de Mãe

Por Maria Pinto

Foste para a França meu filho
Cá me deixaste a chorar
Foi teu tio e tua tia
Que te vieram cá buscar

O teu tio te veio buscar
Para a França ires viver
Cá me deixaste sózinha
Esta dor custa a sofrer

Adeus ó meu querido filho
Não me esqueces um momento
Quer de noite quer de dia
Não me saís do pensamento

Criei-te com tanto amor
Dentro de mim te adorei
Agora foste-te embora
Não sei quando te verei

Custa a sofrer esta dor
Em me lembrar tua vida
Fiquei cheia de desgosto
Com a tua despedida

Acompanhavas teu pai
Quando eras pequenino
Brincavas com as ovelhas
E com os nossos borreguinhos

Quando chegaste aos sete anos
Foste à escola aprender
Ias dormir com o teu pai
Muitos dias o chover

Eu também por lá andava
Era a sagrada família
À noite os três no chôço
Era sempre uma alegria

Fizeste exame da quarta
E também de admissão
Não quizes estudar mais
Findou a tua missão

Foste aprender a barbeiro
E também a alfaiate
Assim andaste seis anos
Para aprenderes esta arte

Agora foste-te embora
Ó meu querido filhinho
A árvore deu pouco fruto
Apenas este raminho

Quando entro para casa
Dá-me pena não te ver
O mundo dá tanta volta
Ninguém sabe o que pode ser

E ao deitar-me na cama
Sempre em ti fico a pensar
Às vezes até parece
Que oiço pela mãe bradar

Vou por um caminho fora
Sempre me vai a lembrar
Chego ao pé do teu pai
Por tí me vem procurar

Trago no peito uma dor
Sem a dar a conhecer
De seres tu só meu filhinho
E não te estar sempre a ver

Cá deixaste a tua amada
Aquele linda flôr
Não te esqueças ó meu filho
Que tens cá o teu amor

Foste à tua vontade
Deus te puxe para o bem
Tinhas tudo o que querias
E muitos amigos também

Eu tenho-te amor profundo
Como ninguém te pode ter
Faz por seres bom rapaz
Para ninguém ter que dizer

Estima bem tios e primos
Que te têm grande amor
Eles aí são teus pais
Adeus filho, meu amor

Deus te dê saúde e sorte
E a todos que aí estão também
Nossa Senhora da Graça
Te puxe sempre para o bem

Carta Salvádego

MEU AMIGO:

Desculpe-me, por não ter respondido com a urgência que desejava e o seu coração exige, à carta afiltiva em que me pede informações sobre a minha rubicunda vizinha Aurora das Caldas. Quando penso que tenho de escrever, sinto-me nervoso e dominado não sei por que força misteriosa que me tolhe as mãos. Um dia, procurarei o remédio que tantas vezes me aconselham e que, segundo me dizem, muita gente usa habitualmente: escrever com os pés.

E, demais, logo se trata dum assunto difícil: saber se a Aurora das Caldas, que eu conheço há meia dúzia de dias, é mulher capaz para o meu Amigo, solteiro impenitente até aos setenta anos, trazer do altar, por entre filas alinhadas de convidados e a massa compacta das bisbilhoteiras em desalinho.

Ao contrário do que já me disse um capitalista presunçoso — pode crer — eu não sou psicólogo. Muito menos faço parte de qualquer agência de judeus casamenteiros, daqueles de que nos fala o grande Gil Vicente na sua "Farsa de Inês Pereira".

Sendo assim, como quer o meu Amigo que o informe, com segurança, das qualidades, defeitos e tendências desta minha negra vizinha, de cabelo crespo como carqueija e farto bigode retorcido, como um velho "agente" de revista?

Correio de Nisa de 6/3/965

CARTÓRIO NOTARIAL DE NISA

CERTIFICO, que, por escritura de 17 de Fevereiro corrente, lavrada de folhas 95 verso a folhas 100 do livro de notas para escrituras diversas número dezasseis B do Cartório Notarial de Nisa, a cargo do notário licenciado em Direito José Augusto Fraústo Basso, na qual foram outorgantes Augusto Chambel Faca, Eugénio Raimundo Cardigos e Joaquim Raimundo Cardigos, na qualidade de únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada Cardigos, Chambel & Companhia, Limitada, com sede na vila e concelho de Gavião, foi rectificada a escritura celebrada, também neste Cartório, em 29 de Dezembro último, de folhas 55 a 56 verso do mesmo livro de notas número 16 B, na qual outorgaram os mesmos sócios. Tal rectificação consistiu em substituir os dizeres "Que a mesma sociedade tem o capital social de 70.000\$00 dividido entre os sócios em três quotas de igual valor" pelos dizeres "Que a mesma sociedade tem o capital social de 70.000\$00 do qual pertence ao sócio Joaquim Raimundo Cardigos uma quota de 50.000\$00, e a cada um dos dois restantes sócios uma quota de 10.000\$00" e em substituir os dizeres "Que pela presente escritura, e todos de comum acordo, aumentam o capital social da referida sociedade com a quantia de 275.000\$00, subscrita, em partes iguais, pelos três sócios e já realizada integralmente em dinheiro que nesta data deu entrada na Cai-

Confesso que me sinto embaraçado, nervoso até.

Depois de andar quinze dias a pensar no que havia de dizer-lhe, aqui vão, meu caro Abílio Bomba, as aspirâncias e premências que colhi, referentes ao atinado com que pretende fazer vedar as válvulas da sua solidão: Mulher de tipo vulgar, apaixonada pelo ensino técnico com a envergadura de um metro e dez; usa meias encarniçadas, feitas à agulha. Quanto a ombros, são um bocado mais largos que as expansões dos ilfacos. Foi "educada" por uma velha contrabandista, de quem herdou todo o "savoir faire" em negócios de amor. Teve cinquenta e dois namorados, tantos como as pálidas primaveras que subtraiu ao calendário; e não é ciumenta. Cozinha como um Vatel e, apesar de características tão sóbrias e recatadas, nunca ingressou nas aguerridas hostes feministas. Segundo contam as vizinhas, dá caça de extermínio a pulgas e percevejos, pelo menos, duas vezes por semana. Canta como um harmónio e, em assuntos literários, conhece apenas o almanaque do Grande Seringador. É filha de mamã solteira.

Nestes termos meu caro Bomba, e salva opinião mais profunda e concentrada, é caso para o aconselhar a uma sonora declaração.

Armando de Castro

nos cofres da sociedade, em dinheiro;

ARTIGO SEXTO — Cada um dos sócios, na sua qualidade de gerente, poderá ter o ordenado mensal que em deliberação de Assembleia Geral for tomado por acôrdo de todos os sócios;

ARTIGO DÉCIMO — A cessão de quotas, no todo ou em parte, fica dependente do consentimento da sociedade, a qual se reserva o direito de adquirir pelo valor nominal a quota que se pretenda ceder;

PARAGRAFO ÚNICO — No caso da sociedade não querer usar tal direito poderá ele ser exercido por qualquer sócio.

Este extracto está conforme o original.

Nisa, 22 de Fevereiro de 1965

A Ajudante do Cartório Notarial de Nisa

María Tomásia da Concelção Alfaia

UM ALVITRE EM PÉ-QUEBRADO

Já tinha dado uma hora, quando passei nos Postigos em frente da grande torre que El-Rei D. Dinis, outrora, construiu contra inimigos. É um Rei que nunca morre. Cá nesta Nisa valente, pôs o nome a toda a gente. E, por isso, nós devemos não esquecer o nosso rei. E' obrigação que temos. que bem sinto e sentirei. Pois, ao passar por ali, uma lembrança nasceu, uma ideia me surgiu. Quando a grande torre vi, naquela noite de breu, meu pensamento fugiu para a nossa Capital, onde os grandes monumentos são todos iluminados.

Cumpra-se o nosso ideal, que não tem maus pensamentos:

Ponham-lhe focos armados, com boa electricidade; e vejam depois que a beleza da vetusta fortaleza se vai tornar em beldade. Até El-Rei Dom Dinis que lá dorme em Odiveas, que fez tantas cidadelas, que fez tudo quanto quiz, me dava razão, por certo. Era em Nisa um céu-aberto.

A. CASIMIRO

NOTA DA REDACÇÃO — O assunto indicado pelo nosso jogral já há muito figurava nos nossos canhenhos; e, de "pé-quebrado", passará um dia a pé-direito.

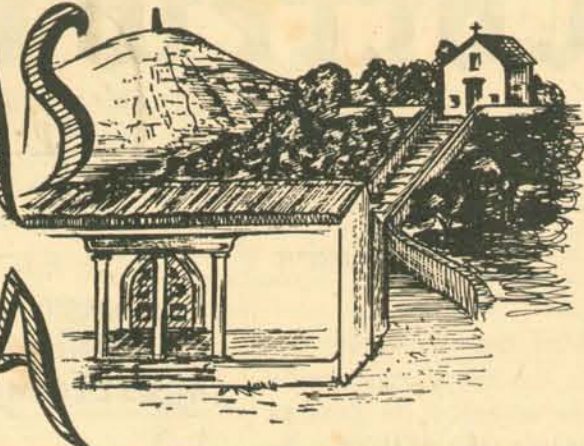
Aniversários

Fazem anos no mês de Março os seguintes estudantes:

João António Patrício e José Manuel de Oliveira Carrilho.



NOTÍCIAS DE NISA



OÍ OJ' EU CANTAR D'AMOR,
EN UN FREMOSO VIRGEU...

Embaixada Artística

Mais uma vez o Rancho Típico das Cantarinhas de Nisa levou às vizinhanças, a beleza dos seus números e o encanto do Rancho Infantil de Nossa Senhora da Graça que é, só por si, motivo de grande atração e simpatia.

Foi no domingo passado a Castelo de Vide, a formosa Vila do nosso distrito, tão cheia de gloriosas tradições artísticas e tão ligada aos destinos de Portugal. As suas gentes, de delicada alma alentejana, souberam dignamente apreciar a actuação do nosso Rancho, premiando-o com quentes aplausos, e criteriosos elogios. E temos a certeza de que, se tivesse havido um concurso, Nisa alcançaria os louros da vitória, tal a forma garbosa da gente moça da Corte das Areias. Parabens aos jovens nisenses e à sua Nisa; e, de

Coração de Mãe

A Sr.^a Maria Pinto, que é uma pessoa digna, aqui nada e criada, também colabora hoje no nosso jornal. Da sua produção em verso, com pura feição popular, a que não alteramos uma só vírgula, para nada se perder, evolva-se castamente um sentimento de grande amor e saudade, prova de que a poesia, hoje como sempre, anda integrada na alma da mulher portuguesa.

É com agrado que lhe abrimos as nossas colunas, passando a ser uma colaboradora habitual.

CARTA

de longe

O nosso António de Jesus Tremoço que está algures, no Ultramar, a defender a Pátria contra o banditismo, escreve-nos, desejando prosperidades e longa vida ao jornal. Ele, que é nicense da gema e muito bom rapaz, sabe bem quanto o estimamos. As suas palavras amigas, os seus votos repassados de sinceridade, ficam registados como merece.

E que volte com Deus, pois cá tem muitos que a Deus oram pelo seu regresso.

igual modo parabens aos dignos castelovidenses que justiça renderam a quem a mereceu.

A propósito: corre que o director, Sr. Rodrigues Correia foi convidado para organização de um Rancho, em Alpalhão. Será verdade? Como na conhecida cantiga popular, "Pode ser verdade... pode ser mentira..." Entretanto, só Nisa fica a perder, caso os rumores se tornem em facto consumado.

Mas, enfim, tudo é possível. Às vezes, Deus dá nozes a quem não tem dentes..." O melhor é não falar em coisas tristes; e... parabens a todos, sem se esquecer o activo e considerado artista que tudo isto nos proporcionou e para quem, estamos certos, a ingratidão não será prémio de seus labores.

NASCIMENTO

Deus concedeu ao lar da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Miguens da Silva e de seu marido, o Sr. José Semedo Louro, a graça de mais uma filha.

Que todos sejam venturosos e o que lhes desejamos sinceramente.

"HOC in VOTIS"

No primeiro número do jornal, verberámos a existência de quatro placas de sinalização, de encontro à fachada dum prédio, no Largo Heliodoro Salgado. Os serviços competentes acabam de retirar a monstruosidade.

Os nossos reparos foram ouvidos. Por isso, aqui estamos de novo, não para verberar, mas para aplaudir.

CRUZADA DO BEM

Consta que pessoa de bom íntimo ofereceu cinco mil escudos para a Conferência de São Vicente de Paulo, ocultando-se no anonimato, o que duplica o valor moral da dádiva.

Exemplos desta natureza constituem dura lição para os que, dispondo de vastos recursos, não dão sede de água a ninguém.

O ASILO de N. Senhora da Graça

Posso afirmar que não há um só nicense que não se orgulhe e preste todo o respeito devido a esta santa obra que é a "Fundação Lopes Tavares".

Hoje, por motivo de actividade profissional, vivo horas seguidas junto desta Casa de Caridade. E, assim, vejo de perto quantos homens, mulheres e crianças ali vão, diariamente, tomar as suas refeições. A sopa dos pobres, o almoço para os alunos necessitados das Escolas Primárias, a creche e os asilados de ambos os sexos.

Todas estas modalidades de beneficência, que são cobertas pelo mesmo manto de caridade e que irradiam daquela Instituição despertam-nos, para mais recordarmos os sentimentos de elevada nobreza e perfeição humanas desses beneméritos esquecidos que, tão abnegadamente legaram seus bens, num montante de muitos milhares de contos aos necessitados e inválidos do nosso Concelho.

Obra grandiosa do Bem!

Escola viva de virtudes, aonde tantos se acolhem, para ali se confortarem com uma sopa quente e uma cama limpa!

A vida tem motivos de realidade que nos encanta, embora muitos homens, alheios ao bem, pretendam destruir o que de mais belo existe no ser humano: o amor ao próximo.

O Asilo está magnificamente instalado, no seu palácio, com todos os compartimentos necessários e adequados aos respectivos fins. São as salas, cheias de luz e de ar, o vasto quintal e os anexos. Tem capela e Capelão privativo, para que todos os que ali permanecem dêem cumprimento a seus deveres religiosos.

O Asilo tem as portas abertas, a horas determinadas, para todos que o desejem visitar.

O asseio irrepreensível, a or-

DESASTRE

O estudante de Instrução Primária, Eduardo José Figueiredo Tremoço, filho do nosso assinante, Sr. António Serralha Semedo Tremoço, comerciante estabelecido na Porta da Vila, quando andava a brincar junto da Torre de Menagem, caiu das pedras que se encontram na base da antiga fortaleza, fracturando um braço e ficando bastante contuso, com várias escoriações.

Conduzido ao hospital, foi ali devidamente tratado.

dem, o método com que funciona toda aquela grande organização, podem servir de modelo a futuras casas congêneres.

A Creche é um verdadeiro encanto que nos faz apetercer sermos outra vez criança.

Por esta singela e resumida descrição, vemos o carinho e o afago, dispensados pelas Religiosas e auxiliares às crianças que ao Asilo são confiadas e aos inválidos que ampara.

Ainda dentro da Creche, o compartimento das crianças mais novas é um verdadeiro mimo. Desde a alvura das roupas que revestem os berços, aos corpinhos rechonchudos dos bebés que os ocupam, os seus risos inconscientes, as suas atitudes, tudo é de um encanto enternecedor.

Possue ainda a Fundação Lopes Tavares uma escola (mestra), com a finalidade de ministrar toda a arte de labores, em que muitas raparigas aprendem e executam o seu bragal de casamento. Ali se confeccionam as mais complicadas rendas e os mais variados e lindos bordados. Como nicense, grato por benefícios concedidos a alguns familiares e a tantos patrícos, impõe-se-me o dever de ter em consideração o esplêndido funcionamento desta Casa de Bem e felicitar-me pela maneira louvável como se tem mantido o bom ordenamento da prestimosa Instituição.

Permitam as Religiosas que as felicite, pela competência, pelo zelo, pela sacrosanta missão de servir a Humanidade, de forma tão abnegada.

Julgo que não devemos apenas orgulhar-nos desta obra tão fértil em benefícios, pois também se nos impõe votarmos-lhe o melhor apoio e afecto, como prova de perene gratidão a tão grandes benfeitores.

ANIBAL GOULÃO

Rugosidades Impertinentes

No vértice do vasto triângulo em que se compreende o edifício das Escolas Primárias, aqui em pleno Rossio, e em frente do Calvário, existiu uma placa de sinalização. O "monumento artístico" foi retirado, mas o terreno não ficou livre dos respectivos alicerces, causando mau aspecto e perigo para os transeuntes, principalmente de noite.

Com meia hora de trabalho, apagava-se o defeito. Porque não fazê-lo?

F O G O !

No dia 21 de Fevereiro, já depois de ter saído o nosso último número, manifestou-se incêndio em casa do Sr. José Dinis Mendes, industrial de sapataria, na Rua da Fonte. O sinistro, provocado, segundo parece, por queima de ervas secas, nas proximidades, foi minando durante a noite; e só às 5 horas da manhã se deu pelo desastre. Arderam vários materiais de sapataria com prejuízos calculados em cerca de 10 contos. Os bombeiros, sempre animados por dignos sentimentos de altruísmo, compareceram prontamente aos toques aflitivos da sereia.

Mais uma vez se verificou a necessidade urgentíssima de dotar esta Corporação com as máquinas próprias e indispensáveis, pois o que existe é, sem exageros, quasi nada. E os homens, por melhor boa vontade de que disponham e por mais sacrifícios a que se entreguem, não podem fazer milagres. Espera-se por uma catástrofe?

Impõe-se que uma comissão das forças vivas da Terra solicite ao Sr. Ministro do Interior audiência urgente, para se lhe expôr a situação aflitiva da Corporação dos Bombeiros de Nisa. E temos a certeza de que o digno membro do Governo, dará, como sempre, providências imediatas. Isto o que há a fazer. O mais é tudo "Words... Words".

Gente de Consciência

Américo Teixeira, estabelecido em Lisboa como herbanário, resolveu concorrer com a quantia de cem escudos mensais, para manutenção do Rancho de Nisa.

Este Sr., que tem aqui amizade sólida, porque preciosa vida salvou, já há meses que assim procede.

Eis um homem de coração, compreensivo e benemerente, boa alma de português, à moda antiga.

Destes, já há poucos; poucos mas bons.

Pode contar com a simpatia do "Correio de Nisa".

O JORNAL

Os nossos serviços de expedição encontram-se ainda em estado bastante imperfeito, caso compreensível, por estarmos numa fase de começo.

Assim, várias pessoas, a quem temos o maior interesse em enviar o jornal, ainda até hoje o não receberam. Iremos corrigindo estas faltas. Também vai ser tentada uma forma mais rápida de entrega aos Srs. Assinantes de Nisa.

Eis toda a verdade, exposta com toda a franqueza.

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO
DE CORPO E ANÚNCIOS PERMANENTES.
CONTRATOS ESPECIAIS. NÃO SE RESTI-
TUEM ORIGINAIS. A CORRESPONDÊNCIA
É DIRIGIDA AO DIRECTOR. TODA A
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura



"INCREDBILE DICTU"

(Continuado da página 1)

não tenham feito ressuscitar verdadeiras maravilhas, apagando-se miseráveis insultos a obras de Arte, que a ignorância, a insensibilidade, a estupidez, quase ferra de morte.

Ainda há pouco, a igreja miniatural de São Pedro das Águias nos levou até às margens do Távora. Dum montão de ruínas, ergueu-se novamente o curioso templo românico. Com que cuidado, com que paixão, não foi tudo reposto nos primitivos lugares! Hoje, caminantes e zagais, que atravessem aquelas paragens adustas, podem contemplar, enternecidos, a multiseular casa de Deus, como o fizeram lá longe, nos primórdios da nossa História, os seus ascendentes da Idade-Média.

Mas, aqui, em Nisa, pelo contrário destruiu-se, conspurcou-se o que devia ser digno de cuidada conservação, em nome, segundo corre, da caça ao micróbio, da limpeza, do asseio, da higiene, lançando-se, afinal, uma onda bacteriológica, mortífera, contra a lógica, contra o bom senso.

Havia perigo para a saúde pública?

Gente civilizada e progressiva fazia daquele fundo "cloaca maxima"?

Limitassem-se a tapar o poço, se a imaginação não desse para mais, embora não fosse este o caminho a

A Chuva

Desejada por muitos, a água do Céu tem caído serena, em rega magnífica, principalmente útil para as nascentes, arvoredo e pastagens.

Uns dizem que é pouca; outros que já basta; e há ainda quem afirme que não fazia cá falta nenhuma. Estes últimos são os aprisionados de Cupido, pois não há conversas de amor que resistam a uma boa carga de água.

Os polidores de calçada também protestam... mas sem deferimento.

CASA DA MOCIDADE

Devidamente autorizada pelo Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, vai fundar-se em Nisa a Casa da Mocidade, providência devida à actividade do Delegado Distrital, Sr. Dr. Armando Sampaio, nosso Ex.^{mo} Amigo.

seguir.

Mas também eram casulos de micro-organismos os paramentos de grossas lages que circundavam o local da cisterna? Também isto provocava náuseas a certa sensibilidade artística?

Quantos da soldadesca, no passado, ali se desedentaram, depois de longas vigílias por quadrelas e adarves, na tarefa sacrossanta de nos legarem terra livre e história heróica!

Os de hoje maculam, destroem, arrazam, pulverizam as nobres relíquias de antanho. Que tristeza tudo isto!

Agora, a substituir o que se impunha conservar e defender, surge uma miniatura de pântano esverdeado, uma paisagem reles, indigna e revoltante.

Na passagem dos homens sobre a terra, uns deixam provas de beleza imperecível; outros a marca de impressões que BEWICK, GALTON e Vucetich não chegaram a estudar.

E o mais curioso, para não escrever o mais significativo, tristemente significativo, é que muitos reprovam o desacato, mas não dão um passo, não escrevem uma linha, no sentido de se repôr, já, imediatamente, sem delongas, o que numa hora infeliz se retirou, se destruiu, se conspurcou.

Que tristeza tudo isto!

Na Mão de Deus

Joaquim Possidónio Relvas Ferro, que cafu em defesa da Pátria, nas nossas Terras do Ultramar, ficou há pouco a dormir o sono eterno, no cemitério da sua querida Terra de Montalvão.

Jovem detentor das melhores qualidades morais, deixou em pranto, não só os seus familiares, como toda a gente que teve a dita de com ele privar.

O funeral, que foi uma grande expressão de dor e de saudade, constituiu prova da elevada consideração pelo desditoso Joaquim Possidónio e por seus dignos parentes.

O "Correio de Nisa" fez-se representar pelo nosso editor, Sr. António Carmona Ribeiro.

A toda a família em luto, condolências sentidas.

NISA

ALFERES

JOSÉ AUGUSTO PIMENTEL
FRAÚSTO BASSO

AGRADECIMENTO

Não pôde a família deste desditoso militar agradecer pessoalmente ou por escrito, como tanto era seu desejo, e tanto mais que são insuficientes muitos endereços coligidos, todas as inolvidáveis provas de carinho e de amizade recebidas no doloroso transê que a Providência lhe reservou.

Vem, por isso, desta forma, a mesma família manifestar o seu profundo e indelevel reconhecimento a todos os que, por qualquer modo, prestaram o preito da sua homenagem e da sua saudade ao querido José Augusto e a todos os que tiveram a caridade de com ela compartilhar tão pungente amargura.

De forma especial e sentida, se agradece aos Reverendos Sacerdotes, entidades e particulares, tantos têm sido, que, por exclusiva iniciativa própria, têm celebrado ou mandado celebrar, e continuam a celebrar ou a mandar celebrar, a Santa Missa, pelo eterno descanso da alma do, para todos, querido José Augusto.

NISA ANTIGA

(Continuado da página 1)

devidamente corrigido.

Em fins do mesmo ano, tanto a a "Troupe" como o teatro, estavam em condições para se realizar o espectáculo.

Para este não constar só de música, procurou a direcção da "Troupe" um Grupo Cénico, para colaborar numa das partes da sessão artística.

Não o conseguiram em Nisa. Fernando Matutino, que estava nessa ocasião a prestar serviço numa Repartição de Vila Velha de Rodão, conseguiu, a pedido da mesma direcção, que um grupo cénico daquela localidade viesse a Nisa apresentar uma comédia.

Realizou-se então o espectáculo no primeiro domingo a seguir ao Natal.

A casa estava cheia. Ao subir o pano, que rangiu nas roldanas, a cena apresentou-se do modo seguinte: à frente, Gabriel Batalha, de fraque, empunhando a batuta, diante da sua estante, igual às que tinham todos os executantes. A seguir, os 1.^{os} bandolinistas: José Vieira da Fonseca e José da Cruz Filipe; depois, os 2.^{os}: José Dinis Figueiredo, José de Oliveira Ramos e Eduardo da Silva Porto. Finalmente, o flauta António Luís.

Num dos lados da cena, os violas: António Bastos e João Maria Leitão; no outro lado, Severino Dinis Porto e Francisco Tello Gonçalves, estudante universitário, que se encontrava em férias e quiz abri-lhantar o espectáculo.

Todos os executantes foram muito aplaudidos, porque, realmente, o conjunto era bom e estava bem ensaiado.

Muitas das peças executadas eram da Tuna Académica de Lisboa, à qual pertencera um dos elementos da "Troupe".

A segunda parte do espectáculo foi feita pelos amadores de Vila Velha de Rodão que representaram a comédia "O Actor e os seus Vizinhos".

Finda a comédia, apareceram no palco: o professor José da Cruz Sambado, que cantou a cançoneta "Judo Cresce" (metendo trechos da sua autoria) em que foi muito aplaudido; o comerciante Francisco Santos, que disse um monólogo; e Fernando Matutino que recitou a poesia "Fiel", de Guerra Junqueiro.

Seguiu-se a terceira parte, que foi toda constituída por obras musicais.

Acabado o espectáculo, houve grande ceia, no salão da estalagem da Tia Ana Curado, oferecida aos actores amadores de Vila Velha, a qual decorreu muito animada, tendo discursado o estudante Francisco Tello Gonçalves, muito aplaudido no final.

Na rua, à porta da estalagem, estacionavam dois carros da Empresa M. Barreto (Tio Pouquito), que conduziram o grupo dos actores à sua Terra.

Quanto ao Teatro, ainda se conservou por muito tempo, quasi no mesmo estado, até que, em 11 de Junho de 1916, se deu a derrocada.

NIZORRO

DR. ANTONIO GRANJA

A 26 de Abril de 1930 chegava a Nisa um jovem médico, chamado a preencher a vaga deixada na Municipalidade pela morte de Henrique Miguéns, irmão do notável benemérito e distinto clínico que foi o Dr. Francisco do mesmo apelido, cuja memória os niseses perpetuaram no monumento que lhe erigiram no jardim público, em princípios da quinta década deste século.

Fisicamente, o novo doutor, que terminara o curso de Medicina em 4 de Julho de 1927, na Universidade de Coimbra, era de complexão forte e baixa estatura. Tinha a expressão grave, olhos prescurtadores e profundos, ao mesmo tempo reveladores de temperamento impulsivo e bonomia de alma. Chamava-se António Granja.

Era filho de Manuel Granja e Hermínia Marques e natural de Castelo (Mação).

Seus pais, de ascendência humilde, de muito cedo o haviam educado no contacto directo com a gente anónima do povo; e, de garoto, ele se habituara a ser solidário com o próximo sofredor, pesando-lhe na alma que desabrochava pura as dores alheias, físicas e sociais. Já homem, fôra mais uma nata tendência que o levava a Coimbra, a frequentar a Faculdade de Medicina. Impusera a si próprio que escolhera mais que uma simples profissão: um culto.

E, num sentido amplo, pródigo, consequentemente isso se verificaria no decorrer do mais longo período da sua vida, que remonta ao começo da actividade como médico municipal, até à hora da morte, ocorrida em 5 de Novembro do ano findo. António Granja permaneceu coerente consigo mesmo, até ao fim; firme, vertical, devotado aos seus ideais, como só os grandes homens são capazes, de balde mesquinhas adversidades, que também o não pouparam, vinculando-lhe com profunda amargura o espírito ho-

nesto e são.

Durante trinta e quatro anos, simples, na sua modéstia que a muitos fazia lembrar uma das personagens de Júlio Dinis, incansável, tendo a nítida consciência do seu dever, ele percorreu em ritmo diário, a pé, as ruas da vila de Nisa, dando consultas gratuitas aos pobres... e a ricos! No seu conceito pessoal, a Dor Física do mundo generalizava-se ao plano largo de uma sociedade sem classes, despida de ostentosos baluartes financeiros, por ser única, uniforme, a grandeza do seu proceder, no objectivo primordial de suprimir ou apenas atenuar enfermidades, incondicionalmente, sem atender a materialismos ou "chorudas" remunerações.

Muitas vezes a sua mão piedosa deixou dinheiro e remédios à cabeceira de pacientes sem outros recursos, além de seus pobres braços paralisados pela doença, e por isso mesmo impossibilitados de ganhar o magro sustento quotidiano.

Algumas vezes os familiares de ou outro "caso perdido" viram os seus olhos, aparentemente duros, nublar-se de lágrimas de dor.

Além do mais, era um profissional cuja competência foi inúmeras vezes comprovada por assinaláveis êxitos e reconhecida até por notáveis figuras da Medicina Portuguesa.

Viveu sempre só. O seu mundo privado, familiar, a sua casa, era aquele velho quarto da "Pensão Correia" que ocupou até aos últimos dias de vida, quando o grasar célere da doença que havia de vitimá-lo, o obrigara a deslocar-se a Coimbra, a sujeitar-se às prescrições de colegas especializados.

Em sentido implícito, poderíamos defini-lo assim: uma existência amarrada a si mesma, em holocausto, por todas as outras que se fazia rodear.

Perguntar-se-ia ainda: Teria ele satisfeito ao tipo do

homem que "constrói a sua solidão", segundo Saint-Exupéry?

Ou seria a mesma apenas fruto de uma personalidade invulgar, cujo drama interior se processasse na busca incessante, mas passo a passo frustrada, de identificação psicológica ou solidariedade de alma? Os seus intempestivos mas efémeros estados de mau humor, que nem sempre foram encarados compreensivamente e com a indulgência que a sua situação requeria, quase denunciavam como verdadeira esta última hipótese.

Compete agora ao nisenense dignificar-lhe a memória, ao nisenense sem distinção de classes, atentando bem no valor real do homem que foi António Granja e na sublimidade e grandeza da sua obra, que quase chega a integrar-se numa benemerência com o seu quê de universalista, tal o amplo alcance do seu Exemplo.

E isto, porque foi Nisa que principalmente beneficiou da execução desse maravilhoso plano de dedicação humana, Nisa, a escolhida por ele, António Granja, que nem dali era filho...

Foi Nisa, porquanto o dr. Granja seria o mesmo dr. Granja em qualquer outro recanto, em qualquer outro lugar de Portugal e quicá do mundo, aonde deliberasse fixar a sua actividade profissional. Para os seres como ele, tão raros nesta época onde continuam a imperar uma desmedida avidez, mascarada de ambição e um acérrimo Egoísmo, existe primordialmente o Homem dentro dos seus múltiplos problemas, a figura inolvidável do seu semelhante, a quem tudo dão, sem nada quererem, em troca, dos seus semelhantes.

CARLOS FRANCO
FIGUEIREDO